

A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE STUART HALL

Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

Envio: 17/06/2020 ♦ Aceite: 20/07/2020

Maria de Fátima Pereira da Silva Lima



Especialista em Linguagem, Cultura e Ensino pela Universidade Estadual de Goiás; especialista em Psicopedagogia institucional e clínica pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura; graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; graduada em Letras pela UNIFAN. Atualmente integra o grupo de tutores do Núcleo de Tecnologias da UniAraguaia.

Dayane Rita da Silveira



Mestranda em Ensino na Educação Básica (CEPAE/UFG). Especialista em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e em Linguagem, Cultura e Ensino pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Goiás.

Liv Sovik (2015) escreve sobre a trajetória intelectual de Stuart Hall e seu ensaio “começa com uma biografia intelectual de Hall que contextualiza sua obra em algumas das grandes transformações da segunda metade do século 20” (SOVIC, 2015, p.161). Segundo Sovik, Stuart Hall nasceu em Kingston, na Jamaica, em 1932, e faleceu em Londres, onde passou boa parte da sua vida. De família de classe média, Hall recebeu uma educação tradicional inglesa, estudando na escola secundária masculina, Jamaica College, em Kingston. Neste período, a Jamaica estava passando por um processo histórico de luta, que posteriormente influenciou Hall a participar da luta pela independência da Jamaica.

Em 1951, mudou-se para a Inglaterra para continuar seus estudos na Universidade de Oxford, onde havia ganhado bolsa de estudo. Porém, não se sentia familiarizado com o lugar. Em uma entrevista ao *The Guardian* mencionou: “Não sou inglês e nunca serei. Vivi uma vida de deslocamento parcial”.

Anos depois, em 1957 foi lançada, no Reino Unido, a Revista *Universities and Left Review* da qual Hall foi o principal responsável, sendo que em 1960, a Revista ganhou um novo olhar e se reformulou, passando a se denominar *New Left Review*. Hall também ficou conhecido por ser o fundador da nova esquerda na Inglaterra, pois, assumiu uma posição política como ativista militante contra o neoliberalismo e seus processos conservadores opressores.

Com formação em Ciências Sociais, ficou muito conhecido pelos seus estudos culturais. Em 1979, assumiu o cargo de professor de Sociologia na *Open University*, onde permaneceu até 1998. Hall desenvolveu muitos trabalhos ao longo de sua vida, dentre eles, podemos citar a obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2019).

Esta obra está dividida em seis capítulos, nos quais o autor trata de mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. O argumento central do livro está relacionado às questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, a partir do qual o autor, analisa a existência uma crise de identidade, caracterizada pelo declínio das velhas identidades e pelo surgimento novas identidades, o que corrobora para a fragmentação, do sujeito moderno.

No primeiro capítulo, “A identidade em questão”, Stuart Hall conceitua o que ele chama de “crise de identidade”. Para explicar este conceito, o autor parte da ideia de que as identidades estão sendo fragmentadas devido a tantas transformações, relacionadas ao processo de globalização. Ainda de acordo com o autor, essas transformações estão fragmentando as identidades culturais, tanto étnicas, quanto de gêneros. Apesar disso, Hall afirma que o conceito de crise de identidade é bastante novo e que não está firmado, mas aberto a discussões.

O autor apresenta o conceito de deslocamento para explicar a condição da descentração da identidade dos sujeitos, à medida que há a perda de um “sentido de si” estável, ou seja, descentração tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de

si. Diante disso, o autor questiona se são os sujeitos ou se é a própria modernidade que está sendo transformada.

Hall, ainda no primeiro capítulo, apresenta três concepções de identidade: a identidade no Iluminismo, a identidade sociológica e a identidade na pós-modernidade. Na concepção Iluminista, concebida como ideologia da Revolução Francesa, o sujeito tinha certeza de sua identidade e a mesma era fixa. O sujeito do Iluminismo era totalmente centrado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação.

O sujeito sociológico, que emergiu por volta dos séculos XIX e XX e trouxe à tona as complexidades modernas têm em seu núcleo o próprio eu, porém, este núcleo interior não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas que medeiam os valores, os sentidos e os símbolos, ou seja, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade.

Na última concepção, a pós-moderna, que aflorou após a Segunda Guerra Mundial, o sujeito se fragmenta, não tem mais certeza de sua identidade, e se constitui em vários “eus”. Em outras palavras, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, não existindo uma identidade unificada. A identidade é formada e transformada continuamente; é definida historicamente e não biologicamente. Nessa concepção, o sujeito se torna híbrido, desmistificando a ideia de identidade única. Neste contexto, para Hall, a ideia marxista de que “tudo que é sólido se desmancha no ar” torna-se extremamente significativa.

No segundo capítulo, “Nascimento e morte do sujeito moderno”, o autor trata da morte do sujeito cartesiano, indicando algumas obras e autores que contribuíram para esse processo na modernidade tardia. O autor aborda e conceitua o descentramento do sujeito, percebendo que enquanto a sociedade tradicional respeitava valores e tradições que eram passadas de geração a geração, a sociedade pós-moderna está em permanente processo de mudança.

A sociedade da modernidade tardia, pós-Segunda Guerra Mundial, é constituída por diferentes sujeitos. Essas transformações na identidade do sujeito podem ter aspectos positivos e negativos, uma vez que os sujeitos não se veem dentro de uma identidade fixa, o que pode gerar grandes lutas políticas, porque as identidades estão

fragmentadas, por exemplo, uma mulher não é somente uma mulher, ela também pode ser negra, branca, democrata ou conservadora.

Stuart Hall, em uma abordagem descritiva, cita alguns fenômenos que contribuíram para as transições de identidade. Afirma ainda que o surgimento dessa concepção de identidade pós-moderna iniciou-se a partir do Iluminismo com a progressão do indivíduo soberano, onde a razão predominava sobre a divindade, o que, segundo Hall, representou uma ruptura importante com o passado, tendo como resultado a descentralização total do homem cartesiano e sociológico.

Diante das teorias expostas, o autor chega a uma primeira conclusão: a identidade não é inata, mas é algo que se constrói ao longo da vida do sujeito, podendo ela também ser modificada em diferentes momentos. Ele argumenta, então, que não é possível falar de identidade acabada, mas que a palavra deve ser substituída por identificação.

Na modernidade tardia, segundo Hall, ocorreu o deslocamento do sujeito e para validar essa ideia, ele aborda cinco grandes avanços na Teoria Social e nas Ciências Humanas, cujo principal impacto foi o descentramento final do sujeito cartesiano.

O primeiro avanço se refere ao pensamento de Marx, para quem os sujeitos podem fazer sua própria história, mas somente com as condições que lhe são dadas. O segundo descentramento trata-se da teoria de Freud, que afirma que a identidade é construída com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com uma lógica diferente daquela da razão. O terceiro está associado ao trabalho de Saussure, que afirma que não somos autores do que falamos e dos significados que expressamos através da fala, pois a língua é um sistema social e não individual. O quarto descentramento se baseia em Foucault, que destaca o “poder disciplinar”, que se preocupa em regular o indivíduo através das instituições como a escola, a igreja, dentre outras. O último descentramento foi o impacto do feminismo, que surgiu concomitante com outros movimentos sociais, que se opunham politicamente ao capitalismo do Ocidente e à política estalinista do Oriente.

No terceiro capítulo, “As culturas nacionais como ‘comunidades imaginadas’”, o intelectual faz suas reflexões acerca do processo de construção da identidade nacional.

Para Hall, a nação não é apenas uma identidade política, mas um sistema de representação cultural. Neste capítulo, o autor discute ainda como uma cultura age e quais as suas fontes de significado.

Além disso, o autor cita três aspectos que constituem uma cultura nacional: o desejo de viver junto, a memória do passado e a perpetuação de uma herança. Hall analisa a ideia de identidades unificadas, chegando à conclusão de que essa ideia não se sustenta, pois as diferentes culturas passaram pelo processo de hegemonia em sua constituição, sendo formada por diferentes povos. Sendo assim, conclui que não é possível unificar uma nação nem mesmo pela sua identidade nacional. Deste modo, compreendemos a afirmação inicial de que as identidades estão sendo deslocadas, dando lugar ao sujeito híbrido.

O capítulo quatro, “Globalização”, Hall aponta que a globalização é um processo de mudança, que está deslocando as identidades culturais nacionais. O autor conceitua a globalização como “àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2019, p.39).

Hall destaca três importantes impactos da globalização sobre as identidades culturais: primeiro, a desintegração das identidades como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; segundo, o reforço pela resistência à globalização, ou seja, as identidades nacionais e outras locais estão sendo reforçadas pela resistência a globalização; terceiro, a mutação, pois as identidades nacionais estão em declínio e novas identidades, híbridas, estão tomando seu lugar.

O autor trata também dos impactos da última fase da globalização sobre as identidades nacionais e a compressão sobre o espaço-tempo, isto é, devido à aceleração global os indivíduos têm a sensação de que as distâncias não existem, visto que o que acontece em um determinado lugar pode ser acompanhado de qualquer parte do mundo.

No quinto capítulo, “O global, o local e o retorno da etnia”, o autor analisa os processos que estariam deslocando as identidades culturais da pós-modernidade, além

de discorrer sobre a globalização e discutir as possíveis consequências da globalização. As consequências apontadas por Hall são: a desintegração nacional dando lugar a homogeneização do pós-global, as identidades particularistas que estão sendo reforçadas pela força da globalização, e por fim, o declínio da identidade nacional tornando os sujeitos híbridos.

Hall defende que o processo de globalização trouxe uma série de consequências para a compreensão da identidade, pois, exerce um efeito contestador e deslocador das identidades centradas inerente à cultura nacional. Esse efeito torna as identidades menos fixas, plurais, mais políticas e diversas.

Nesse contexto, o autor afirma que as identidades globais estão apagando as identidades nacionais, posto que estão sendo colocadas acima destas. As identidades globais – oriundas de culturas dominantes, geralmente associadas aos países mais ricos – podem obliterar as culturas e as identidades dos países mais pobres. Esse movimento, segundo Hall, pode produzir dois efeitos: tradição e tradução.

A tradição refere-se ao fato de as nações tentarem “recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas” (HALL, 2019, p.51). A tradução faz referência às nações que aceitam que “as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença” (HALL, 2019, p.51). Dessa forma, as nações estariam oscilando entre manter a tradição e transformá-la, o que afeta as novas formas de identidade cultural. É nesse contexto que emerge a concepção de “culturas híbridas”.

No que diz respeito à ideia de Cultura dominante, Stuart Hall afirma que é difícil separar o que se trata da cultura de um país ou de outro, pois, a todo o momento, somos bombardeados por culturas de outras nações, por meio propagandas televisivas e por meio da internet. E esse bombardeamento tem como efeito a produção de sujeitos híbridos. Enfim, a leitura desta obra pode propiciar ao leitor a compreensão do processo globalização, que tem por corolário o deslocamento das identidades e a produção de novas identificações.

No capítulo seis, “Fundamentalismo, diáspora e hibridismo”, é abordada a tentativa de unificação forçada de determinadas nações, por meio de suas religiões e de

outros costumes particulares. O autor oferece como exemplo o inglesismo: movimento que excluía todos os que não eram brancos da sociedade inglesa, tentando unificar um povo tanto pelo aspecto étnico quanto pelo religioso. Vale ressaltar que nesse contexto a intenção era de criar identidades políticas baseadas em identidades culturais homogêneas.

O fenômeno denominado “fundamentalismo” busca criar estados religiosos, cujos princípios políticos de organização devem estar alinhados com as doutrinas religiosas, fato este que alguns analistas consideram como um caráter “forçado” da modernização ocidental.

Em vista do processo de globalização, Hall afirma que as identidades locais, seus costumes e o apego ao local foram substituídos pela ideia de identidade global, universalista. Entretanto, segundo o autor, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência do “local”, pois os deslocamentos se mostram mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas e seus oponentes. Hall conclui que os deslocamentos, originados pela globalização, são plurais e complexos.

De fácil compreensão, a obra resenhada oferece subsídios para aqueles que buscam compreender a questão da identidade no mundo pós-moderno. Pode ser recomendada para os leitores curiosos sobre o processo cultural pelo qual a sociedade vem passando desde o início do fenômeno da globalização. O livro é um desdobramento de diferentes teorias que foram apresentadas e discutidas ao longo do texto e é um convite para a leitura e a discussão sobre o processo de deslocamento das identidades e de hibridização dos sujeitos.

BIBLIOGRAFIA

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

SOVIK, Liv. *A trajetória intelectual de Stuart Hall*: as liberdades complexas do pensar. Revista do centro de pesquisa e formação, p. 161- 177, Novembro 2015.

